**“Diversidade fisionômica, riqueza florística e endemismos do Pampa”**

Ilsi Iob Boldrini

Dep. Botânica, Inst. de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Entre 42.000 – 10.000 anos antes do presente (AP), sob condições climáticas mais frias e secas que as atuais, a vegetação campestre dominava o sul do Brasil. Após 10.000 anos AP, com a elevação da temperatura e da umidade, a floresta Atlântica avançou ao longo da costa litorânea e a partir de 4.000 anos AP a expansão da floresta sobre os campos foi mais acentuada.

No Brasil, o bioma Pampa está restrito ao estado do Rio Grande do Sul, ocupando sua metade sul. É neste bioma que se encontram as maiores extensões de campo natural, apresentando continuidade estrutural, florística e faunística no Uruguai, Argentina e sudeste do Paraguai. Estes campos constituem a matriz da vegetação do bioma, apresentando-se entremeados por florestas ao longo dos cursos de rios.

De acordo com o monitoramento do desmatamento nos biomas brasileiros por satélite, realizado pelo Ministério de Meio Ambiente (2010), o Pampa é o segundo bioma mais devastado do Brasil, restando apenas 36% de sua área original. Apesar de extremamente degradado, ocorrem 2.159 táxons, distribuídos em 501 gêneros e 89 famílias, sendo que a família Asteraceae é a que apresenta o maior número de táxons (380), seguida por Poaceae (373), Fabaceae (190) e Cyperaceae (118).

Quanto ao número de táxons endêmicos deste bioma encontram-se 347, distribuídos em 31 famílias. Dentre os gêneros com o maior número específico de endemismos destacam-se *Mimosa* (31), *Croton* (16) e *Parodia* (14).

Na Lista das Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção do Rio Grande do Sul, para o Pampa constam 151 espécies, sendo 47 vulneráveis, 60 em perigo, 36 criticamente em perigo e 8 provavelmente extintas.